

SINAL AMARELO

Quando menos imaginamos, aparecem situações que precisamos tomar atitudes. Para Marina não era diferente, os desafios do dia a dia a testavam constantemente.

Naquela manhã nublada, Marina acordou atrasada para o trabalho. O chefe já dava sinais de que a dispensaria a qualquer momento e isto a apavorava, já que as contas acumulavam na estante velha. Rapidamente tomou café e saiu carregando debaixo do braço uma pasta amarela cheia de relatórios. Nervosa, já imaginava como iria disputar um espaço no ônibus, pois, naquela hora, o ponto tinha tantas pessoas quanto a torcida do Corinthians.

A garoa molhava cada vez mais a roupa de Marina, que não tinha mais a sobrinha que fora quebrada devido a última tempestade. Ela precisava atravessar a avenida movimentada, contudo o semáforo estava no amarelo piscante, exigindo mais agilidade naquela situação.

Quando quis cruzar a via, e é aí que a atitude faz diferença, viu uma senhorinha franzina enrolada com casaco e demais peças de lã tentando fazer a mesma aventura. O ônibus desejado se aproximava reluzente aos olhos de Marina do outro lado, e se não entrasse nele somente uma hora depois apareceria outro para o mesmo trajeto.

A senhorinha com a voz baixa tentava inutilmente auxílio, porém as pessoas corriam de um lado para outro indiferentes.

Marina se viu entre a pressa e a solidariedade, lembrou-se da avó, do irmão cadeirante e da mãe que sentia muitas dores no joelho, enquanto o ônibus passava pelo ponto. Deu a mão a senhorinha, ao mesmo tempo, que, esticou o outro braço pedindo licença aos motoristas. Em seguida, outras pessoas que necessitavam da mesma atenção, e me vejo na obrigação de citá-las, as acompanhavam na travessia: uma mulher puxando duas crianças pequenas, um senhor com uma bengala verde e um menino ambulante com seu cãozinho vira-lata seguiam-nas no percurso marcado pela faixa de pedestres.

Ninguém se atreveu a buzinar ou reclamar para acelerarem os passos durante o pisca-pisca amarelado. Havia um ar de cidadania alojado naquela cena, uma atenção plena de todos.

Logo depois, chegou a CET organizando o trânsito.

Marina, sentiu-se satisfeita com a ação, ela tinha feito a diferença. E enquanto esperavam o transporte, as duas conversaram. A senhorinha se chamava Violeta e estava a caminho do médico. Ela entendeu a preocupação de Marina em perder o emprego, comentou sobre o filho que trabalhava no banco e prováveis vagas. Elas trocaram contatos e Marina entrou no ônibus lotado naquela manhã fria e acinzentada de São Paulo.

“Vida segura no trânsito: A sua atitude faz a diferença.”